

**FILOSOFIA E SEU ENSINO: A EXPERIÊNCIA DO PENSAMENTO COMO
UM ACONTECIMENTO FILOSÓFICO**

**PHILOSOPHY AND ITS TEACHING: THE EXPERIENCE OF THOUGHT AS
A PHILOSOPHICAL EVENT**

**LA FILOSOFÍA Y SU ENSEÑANZA: LA EXPERIENCIA DEL
PENSAMIENTO FILOSÓFICO**

Angelina Renata Andrade Ribeiro dos Santos¹

RESUMO

Inspirado em Deleuze, este estudo visa revitalizar o ensino de filosofia, tratando-o como uma experiência educativa enriquecedora e central ao aprendizado, contrapondo-se às visões que a marginalizam. Propõe uma *pedagogia do conceito* que valoriza inovação e diferenças, buscando democratizar a filosofia, especialmente para estudantes do ensino médio no Brasil. O objetivo é transformar a educação filosófica em um espaço de encontro e experimentação, superando o pensamento representacional e promovendo a criatividade e singularidade, tornando o ensino de filosofia um laboratório de experimentação que reflete a diversidade do pensamento filosófico. A filosofia, quando inserida em ambientes educacionais controlados, sofre limitações em seu potencial criativo, o que evidencia a necessidade urgente de uma pedagogia inovadora. Alinhada ao pensamento de Deleuze e Guattari, a pedagogia do conceito propõe uma ruptura com o pensamento representacional, promovendo a valorização da diferença, a inovação e a resistência às formas tradicionais de ensino. Essa abordagem transforma o ensino de filosofia em um espaço dinâmico de encontro com o pensamento, onde a experiência, frequentemente negligenciada tanto no discurso filosófico clássico quanto nas pedagogias dominantes, se torna central. No contexto educacional brasileiro, caracterizado por uma tendência utilitarista que marginaliza o pensamento crítico e reflexivo, a pedagogia do conceito se apresenta como uma resposta necessária. Ao promover uma prática filosófica viva e inclusiva, essa pedagogia não apenas desafia as normas estabelecidas, mas também cria um ambiente onde a diversidade e a criatividade são fundamentais para a formação de um pensamento autônomo e inovador.

Palavras-chave: Pedagogia do conceito; Ensino de Filosofia; Pensamento.

ABSTRACT

Inspired by Deleuze, this study aims to revitalize the teaching of philosophy, treating it as an enriching educational experience that is central to learning, opposing views that marginalize it. It proposes a *pedagogy of the concept* that values innovation and differences, seeking to democratize philosophy, especially for high school students in Brazil. The aim is to transform philosophical education into a space for encounter and experimentation, overcoming representational thinking and promoting creativity and singularity, turning philosophy teaching into a laboratory for experimentation that reflects the diversity of philosophical

¹ Doutoranda em Educação, Universidade Federal de Alagoas, <https://orcid.org/0000-0002-4923-1999>, renataribeirofilosofia@gmail.com



Philosophy, when inserted into controlled educational environments, suffers limitations in its creative potential, which highlights the urgent need for an innovative pedagogy. In line with the thinking of Deleuze and Guattari, the pedagogy of the concept proposes a break with representational thinking, promoting the valorization of difference, innovation and resistance to traditional forms of teaching. This approach transforms the teaching of philosophy into a dynamic space of encounter with thought, where experience, often neglected in both classical philosophical discourse and dominant pedagogies, becomes central. In the Brazilian educational context, characterized by a utilitarian tendency that marginalizes critical and reflective thinking, the pedagogy of the concept presents itself as a necessary response. By promoting a lively and inclusive philosophical practice, this pedagogy not only challenges established norms, but also creates an environment where diversity and creativity are fundamental to the formation of autonomous and innovative

Keywords: Pedagogia concetual; Filosofia do ensino; Pensamento

RESUMEN

Inspirado en Deleuze, este estudio pretende revitalizar la enseñanza de la filosofía, tratándola como una experiencia educativa enriquecedora y central para el aprendizaje, frente a visiones que la marginan. Propone una *pedagogía del concepto* que valora la innovación y las diferencias, buscando democratizar la filosofía, especialmente para los estudiantes de secundaria en Brasil. El objetivo es transformar la educación filosófica en un espacio de encuentro y experimentación, superando el pensamiento representacional y promoviendo la creatividad y la singularidad, haciendo de la enseñanza de la filosofía un laboratorio de experimentación que refleje la diversidad del pensamiento filosófico. La filosofía, cuando se inserta en entornos educativos controlados, sufre limitaciones en su potencial creativo, lo que pone de manifiesto la urgente necesidad de una pedagogía innovadora. En línea con el pensamiento de Deleuze y Guattari, la pedagogía del concepto propone una ruptura con el pensamiento representacional, promoviendo la valorización de la diferencia, la innovación y la resistencia a las formas tradicionales de enseñanza. Ese enfoque transforma la enseñanza de la filosofía en un espacio dinámico de encuentro con el pensamiento, donde la experiencia, muchas veces desatendida tanto en el discurso filosófico clásico como en las pedagogías dominantes, pasa a ocupar un lugar central. En el contexto educativo brasileño, caracterizado por una tendencia utilitarista que margina el pensamiento crítico y reflexivo, la pedagogía del concepto se presenta como una respuesta necesaria. Al promover una práctica filosófica viva e inclusiva, esta pedagogía no sólo desafía las normas establecidas, sino que también crea un ambiente donde la diversidad y la creatividad son fundamentales para la formación de un pensamiento autónomo e innovador.

Palabras clave: Pedagogía del concepto; Enseñanza de la filosofía; Pensamiento.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa promover uma reflexão crítica acerca do ensino de filosofia, concebendo-o como uma experiência significativa do pensamento que desafia as concepções convencionais, as quais frequentemente relegam a experiência a uma posição marginal no processo de aquisição de conhecimento. Inspirando-nos em Gilles Deleuze, que descreve a aula como *uma espécie de matéria em movimento*, este



estudo propõe-se a repensar a experiência educacional não meramente como um conceito abstrato, mas como uma vivência intrínseca ao processo de aprendizagem. Ao decorrer da história, tanto na filosofia clássica quanto nas principais correntes pedagógicas, a experiência tem sido vista sob uma ótica de inferioridade – ora como um entrave ao verdadeiro conhecimento, ora como uma simples expressão de opiniões desprovidas de fundamento científico. Frente a esta perspectiva, nosso trabalho objetiva reexaminar essa visão, investigando o papel central que a experiência pode desempenhar na prática educativa, com um enfoque especial no ensino de filosofia.

O presente estudo se apoia na abordagem deleuziana do ensino de filosofia, que se dirige a um público amplo, englobando tanto filósofos quanto não filósofos, e enfatiza a necessidade de democratizar o pensamento filosófico. Nesse sentido, destacamos os estudantes do ensino médio brasileiro, que se deparam com a filosofia como um campo novo e instigante, posicionando-os como interlocutores fundamentais nesta análise.

A incorporação da filosofia em um ambiente educacional caracterizado por práticas de controle sugere um afastamento de seu potencial criativo, apontando para a urgência de conceber uma nova forma de ensino filosófico por meio de uma *pedagogia do conceito*. Inspirada nas ideias de Deleuze e Guattari, essa pedagogia busca superar o pensamento representacional e enfatizar a importância da diferença, visando um ensino de filosofia pautado na inovação e na resistência, em detrimento da mera replicação de identidades estabelecidas. Argumenta-se que o ensino de filosofia deve ser entendido como um espaço privilegiado de encontro com o pensamento, onde docentes e discentes engajam-se numa jornada contínua de exploração de *linhas de fuga* do caos, valorizando a singularidade de cada experiência educacional. Destarte, em vez de perseguir uma linearidade do conhecimento, o ensino de filosofia deveria ambicionar ser um laboratório de experimentação acessível a todos, refletindo a diversidade e a riqueza inerentes ao pensamento filosófico.

ACONTECIMENTO: O ENSINO DE FILOSOFIA COMO EXPERIÊNCIA DO PENSAMENTO.

A compreensão da experiência transcende sua conceitualização tradicional, exigindo, portanto, um destaque especial dentro do escopo desta pesquisa devido à sua relevância e complexidade intrínsecas. Contudo, ao revisitar o discurso histórico

filosófico e as correntes pedagógicas dominantes, evidencia-se que as reflexões sobre a experiência têm sido permeadas por uma tensão significativa, caracterizada frequentemente pela atribuição de um valor inferior a esta dimensão.

A análise da construção dessa problemática é enriquecida através do exame das contribuições de eminentes pensadores como Larrosa (2016) que discute a perspectiva da filosofia clássica em relação à experiência, argumentando que ela era frequentemente considerada um modo de conhecimento de segunda categoria. Ele sugere que, dentro dessa tradição, a experiência era vista de duas maneiras principais, ambas subalternas: por um lado, como um ponto de partida necessário, mas básico e preliminar para o verdadeiro conhecimento; por outro, de maneira mais negativa, como um obstáculo ao conhecimento verdadeiro ou à “verdadeira ciência”. Em outras palavras, a experiência, em vez de ser valorizada por seu próprio mérito, era considerada insuficiente para alcançar um conhecimento mais profundo e rigoroso, que seria o ideal da ciência ou da filosofia. Essa visão relega a experiência a um papel introdutório ou até problemático no processo de conhecimento, subestimando seu potencial como fonte de insight e compreensão. Ademais, reiteramos a perspectiva de inferioridade atribuída ao conceito de experiência dentro das correntes pedagógicas predominantes, mediante a análise da contribuição fornecida por Gelamo (2006):

Quando pensamos no problema do ensino, no contexto pedagógico mais recente, duas correntes se sobressaem e se constituem como majoritárias nas propostas educacionais: por um lado, a vertente crítica, cujo mote se fixa na discussão sobre teoria e prática, objetivando uma práxis reflexiva no processo educacional; e, por outro, a vertente científico-educacional, a qual vê a educação como uma ciência aplicada, cujo objetivo é buscar métodos e técnicas para se ensinar, pautadas em palavras de ordem, tais como: eficácia, avaliação, profundidade, etc. Nesse contexto, a experiência é uma palavra cujo significado não faz sentido: ora porque se constitui como um “saber” cujo conteúdo é fruto de uma alienação – uma vez que não se estabelece em bases seguras o vínculo entre teoria e prática -, o qual culmina em uma práxis emancipadora, ora, por não se estabelecer critérios científicos de comprovado valor e é considerada apenas uma opinião ou senso comum. (2006, p. 11)

A reflexão sobre a pedagogia, especialmente no que tange ao ensino de filosofia, demanda uma apreciação crítica das correntes predominantes nas concepções educacionais contemporâneas. Conforme analisado por Gelamo (2006), emergem duas vertentes significativas no cenário pedagógico atual: a vertente crítica, que enfatiza a dialética entre teoria e prática visando uma práxis reflexiva, e a científico-educacional,



que compreende a educação como uma ciência aplicada em busca de métodos e técnicas de ensino com foco na eficácia e avaliação. Este panorama revela uma marginalização do valor da experiência, considerada ora como um saber alienado pela falta de um vínculo sólido entre teoria e prática, ora como um simples senso comum desprovido de fundamentação científica (Gelamo, 2006).

Ao direcionarmos nossa atenção ao ensino de filosofia, torna-se evidente que a experiência transcende a mera conceitualização, configurando-se como um meio essencial de interação com o mundo. Nessa linha, a experiência emerge como um pilar fundamental no processo educativo filosófico, especialmente quando abordada sob a perspectiva deleuziana, que valoriza o encontro com a filosofia fora dos limites da formação profissional filosófica, enfatizando sua acessibilidade aos “não-filósofos” (Deleuze, 2013). A filosofia, portanto, não se destina exclusivamente aos acadêmicos, mas estende-se ao público geral, incluindo os estudantes do ensino médio, que se deparam com essa disciplina como uma novidade em seu currículo.

Este cenário demanda uma reconceptualização da pedagogia filosófica, distanciando-se das práticas tradicionais de ensino que visam a mera transmissão de conhecimento. Inspirados por Deleuze e Guattari (2010), utilizamos a *pedagogia do conceito* como alternativa para o ensino de filosofia, fundamentada na criação de conceitos e no rompimento com o pensamento representacional. Tal abordagem busca promover um ensino de filosofia pautado na diferença, contrapondo-se à reprodução de ideias pré-estabelecidas.

Ademais, a filosofia, conforme destacado por Deleuze em entrevista concedida a Bellour e Ewald (2010), rejeita a progressividade linear do conhecimento, privilegiando um ensino inclusivo e transversal que se abre a múltiplas interpretações e aplicações. Este princípio reforça a importância de uma pedagogia filosófica que acolha a diversidade de experiências e perspectivas, promovendo um ambiente de aprendizado dinâmico e inclusivo. Assim sendo, ao considerarmos a complexidade e os desafios do ensino de filosofia, é imperativo reconhecer e valorizar as múltiplas facetas da experiência educativa. A *pedagogia do conceito*, inspirada nos trabalhos de Deleuze e Guattari (2010), emerge como uma proposta inovadora que enfatiza a criação, a diferença e a resistência às normativas educacionais convencionais, constituindo-se como um caminho promissor para a renovação do ensino filosófico.



O PARADOXO ENTRE ENSINAR E APRENDER FILOSOFIA

A questão do ensino de filosofia na educação básica brasileira é uma temática que convoca uma profunda reflexão acerca da formação humana, uma preocupação que permeia toda a história da filosofia, desde a antiguidade grega até os dias atuais (Gelamo, 2006). Este debate ganha contornos específicos em um contexto onde o projeto educacional vigente se orienta predominantemente pelo utilitarismo e pela preparação para o mercado de trabalho, conferindo à filosofia um papel aparentemente marginal e instrumental. Essa dissonância entre os objetivos tradicionais do ensino filosófico e as demandas contemporâneas de formação evidencia um paradoxo que coloca em xeque a estabilidade da filosofia nos currículos escolares da educação básica.

Gelamo (2006) argumenta que o declínio da filosofia nas escolas é resultado de uma gama de fatores que vão desde a inadequação das propostas pedagógicas até a predominância de uma ideologia que exalta o conhecimento técnico em detrimento do cultivo do pensamento crítico e da reflexão filosófica. Tal contexto relega a filosofia a um status de inutilidade, desconectando-a dos projetos educacionais dominantes e alienando-a do universo escolar.

A complexidade da relação entre ensinar e aprender, intrínseca ao processo educacional, é particularmente evidente no ensino de filosofia. Schérer (2005) destaca que, na língua francesa, o termo “aprender” abarca simultaneamente os sentidos de aprender e ensinar, ressaltando a interdependência entre o ato de ensinar e o ato de aprender. Essa interação sugere que o conhecimento transmitido está codificado dentro de uma linguagem específica e que a explicação, entendida como um método para facilitar a aprendizagem, é central para o processo educativo.

Contudo, Kohan (2009) nos lembra que habitamos uma tradição pedagógica fundada na lógica da transmissão de conhecimento, cujos contornos se tornam nebulosos quando aplicados ao ensino de filosofia. Isso nos conduz a questionar as próprias bases do processo de ensino-aprendizagem em filosofia, assim como as abordagens metodológicas, curriculares e didáticas empregadas.

A reflexão sobre a ensinabilidade da filosofia exige uma revisão crítica das práticas pedagógicas vigentes, que muitas vezes se limitam a transmitir o pensamento filosófico histórico e consagrado, sem engajar os estudantes em um processo ativo de reflexão e questionamento (Gelamo, 2006). Essa abordagem perpetua o paradoxo entre



ensinar e aprender, priorizando a explicação sobre a experiência do pensamento e, conseqüentemente, distanciando os alunos da prática filosófica autêntica.

Nesse cenário, a crítica de Deleuze à imagem dogmática do pensamento emerge como uma contribuição valiosa para repensar o ensino de filosofia, propondo uma educação que valorize o pensar crítico e criativo em detrimento da mera reprodução de conhecimentos estabelecidos. Assim, o desafio consiste em desenvolver abordagens pedagógicas que fomentem a capacidade dos alunos de engajar-se ativamente no diálogo filosófico, reconhecendo a filosofia não apenas como um corpo de conhecimento a ser transmitido, mas como uma prática viva de questionamento e reflexão.

A reflexão proposta inicialmente questiona a essência do pensar, confrontando-a com as limitações impostas por currículos e métodos didáticos pré-definidos, que por sua natureza dogmática, podem restringir a genuína capacidade de pensamento crítico e criativo. A indagação levanta um ponto crucial: é realmente possível falar em um pensamento genuíno quando este se encontra condicionado por estruturas pré-estabelecidas? Este questionamento ressoa com a crítica de Gelamo (2006) à reprodução acrítica do conhecimento, onde o verdadeiro pensamento surge apenas através da interação crítica com o conhecimento existente, permitindo a criação de novas perspectivas e entendimentos.

Adentrando o ensino da filosofia, a proposta de torná-lo uma experiência de pensamento vem ao encontro da ideia de formar indivíduos autônomos e criativos, capazes de transgredir os limites da aprendizagem dogmática. Através da criação e recriação de conceitos, busca-se estimular um pensamento que não apenas entenda o mundo como ele é, mas que possa imaginar como ele poderia ser. Esta visão alinha-se com Kohan (2009), que identifica no ensino da filosofia uma potencialidade para transpor as barreiras entre ensinar e aprender, evidenciando a existência de tensões políticas, éticas e epistemológicas inerentes ao processo educacional.

A problemática da institucionalização da filosofia é abordada por meio da análise das reformas educacionais e da obrigatoriedade curricular, aspectos que refletem um esforço constante para adequar o ensino da filosofia às demandas políticas e sociais, muitas vezes às custas de sua essência crítica e transformadora. Deleuze (2010; 2013), em sua crítica à imagem dogmática do pensamento e à história da filosofia como um mecanismo repressivo, destaca a importância de um ensino de



filosofia que escape às lógicas de controle e representação, promovendo um espaço para a criação e a diferença.

Este desafio ao status quo educacional e filosófico é ecoado por Bianco (2002), que, ao explorar o pensamento de Deleuze, enfatiza a capacidade de resistência e criação como elementos fundamentais para uma abordagem filosófica renovada e libertadora. La Salvia (2016) complementa esta visão, destacando o afastamento de Deleuze e Guattari dos pressupostos filosóficos tradicionais, em busca de uma prática filosófica que valorize a novidade e a potencialidade do pensamento livre.

Kohan (2009), por sua vez, adverte contra a adoção acrítica de métodos de ensino, sugerindo que a verdadeira filosofia se manifesta na relação dinâmica e crítica com os métodos, em vez de na adesão a uma metodologia específica. Esta perspectiva sublinha a importância da autonomia, tanto no que diz respeito à filosofia em si quanto ao papel do educador, desafiando as convenções e explorando novas possibilidades de pensamento e ensino.

Assim, ao contemplar o ensino da filosofia como uma experiência do pensamento, emergem reflexões fundamentais sobre autonomia, criação e resistência às estruturas normativas. A jornada através dos paradoxos e tensões que circundam a filosofia e seu ensino revela não apenas as limitações impostas pela institucionalização, mas também o potencial transformador de uma abordagem educacional que valoriza a criatividade, a crítica e a capacidade de imaginar mundos alternativos.

APRENDER FILOSOFIA COM DELEUZE: UM DESAFIO OU POR UMA PEDAGOGIA DO CONCEITO

Gilles Deleuze, em sua vasta obra, dedica significativas reflexões ao âmbito educacional, ao processo de adestramento e aos mecanismos de aprendizagem, conforme salientado por Bianco (2002). Ao adentrarmos na análise de Deleuze enquanto pensador da educação, é imprescindível destacar sua obra “Diferença e Repetição”, que ocupa um lugar de destaque em sua trajetória filosófica. Bianco (2002, p. 185) aponta que este trabalho representa um momento decisivo na evolução de Deleuze, marcando a primeira tentativa do autor de, nas suas próprias palavras, “fazer filosofia ‘por minha conta’”. Esse contexto se insere em um percurso formativo intrinsecamente ligado ao ambiente acadêmico, no qual Deleuze já acumulava vinte



anos de experiência no ensino de filosofia, seja como assistente de História da Filosofia ou como docente contratado pela Universidade de Lyon.

Diante disso, propõe-se uma breve revisão das principais ideias dessa obra fundamental, que exerce uma influência marcante sobre o desenvolvimento filosófico de Deleuze. Bianco (2002) descreve “Diferença e Repetição” primordialmente como uma ontologia da diferença, fundamentando-se na premissa de que, se o ser não é idêntico, o pensamento não deve ser concebido como uma redução do Ser à identidade, mas sim como uma produção de diferenças que encontra na própria diferença o seu estímulo essencial.

Nesse contexto, a obra aborda a questão do Ser em diferentes momentos, introduzindo o conceito de empirismo transcendental de maneira a estabelecê-lo como elemento central na discussão sobre a problemática da aprendizagem, em estreita associação com a noção do sensível. A questão do Ser é tratada em diversas partes da obra, e o conceito de empirismo transcendental é anunciado de tal modo que se mostra como elemento chave para discutir a problemática do aprender quando associada à noção do sensível.

Qual é o ser do sensível? De acordo com as condições dessa questão, a resposta deve designar a existência paradoxal de “alguma coisa” que não pode ser sentida (do ponto de vista do exercício empírico) e que, ao mesmo tempo, só pode ser sentida (do ponto de vista do exercício transcendente) (DELEUZE, 2018, p. 314)

Ainda neste segmento da obra, o filósofo apresenta ao leitor uma indagação fundamental: qual é o verdadeiro significado de aprender? Segundo Deleuze (2018), a aprendizagem é caracterizada como a denominação apropriada para as ações subjetivas realizadas em resposta à objetividade de um problema, enquanto que o conhecimento é definido pela universalidade do conceito ou pela detenção de um conjunto de regras para solucionar questões.

Ademais, o filósofo desenvolve sua tese considerando que o aprender é individual, assim como está distante de generalizações impostas por métodos:

Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender - que amores tornam alguém bom em latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. (...) Não há método para encontrar tesouros nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou paideia que percorre inteiramente todo indivíduo. (DELEUZE, 2018, p.222)



A teoria de Deleuze, destacada por Bianco (2002), aborda questões cruciais relacionadas à educação, ao adiestramento e à aprendizagem. Em sua obra “Diferença e Repetição”, Deleuze empreende uma reflexão significativa que contribui para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Este livro representa um marco importante na trajetória intelectual deleuziana, sendo o primeiro no qual ele se aventura a fazer filosofia de maneira autônoma (BIANCO, 2002, p. 185). É necessário situar essa obra dentro do contexto mais amplo de formação de Deleuze, que inclui vinte anos de experiência no ensino da filosofia, tanto como assistente de História da Filosofia quanto como professor contratado pela Universidade de Lyon (BIANCO, 2002).

A partir dessas considerações, podemos brevemente revisitar algumas das principais concepções presentes nesta obra seminal, que se estabelece desde o início como uma ontologia da diferença, como argumenta Bianco (2002). De acordo com essa perspectiva, se o ser não é idêntico a si mesmo, o pensamento não pode ser reduzido à identidade do Ser, mas deve ser compreendido como a produção de diferenças que encontram seu próprio motor na diferença em si.

O conceito de empirismo transcendental é fundamental para discutir a problemática da aprendizagem quando associada à noção de sensível. Deleuze (2018) questiona o que significa aprender, sugerindo que o aprendizado não se limita a seguir um método ou adquirir conhecimento. Ao contrário, o aprendiz busca elevar cada faculdade ao exercício transcendente, tentando fazer nascer na sensibilidade uma capacidade de apreender o que só pode ser sentido. Esse processo é caracterizado como a “educação dos sentidos”, que contrasta com a concepção de cultura empregada por Nietzsche.

No contexto da "educação dos sentidos", Deleuze enfatiza a importância de uma abordagem que favoreça o encontro com forças que ultrapassam os limites da imagem dogmática do pensamento, visando à emancipação dos sujeitos envolvidos. Isso é exemplificado no trecho em que ele compara os movimentos do nadador com os do professor de natação, destacando a importância de emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo em vez de simplesmente propor gestos a serem reproduzidos (DELEUZE, 2018, p. 43).

A aprendizagem, sob a perspectiva de Deleuze, está ligada à educação dos sentidos e à criação de conceitos. Ela se distancia da ideia de simplesmente adquirir habilidades técnicas ou acumular conhecimento já estabelecido. De acordo com



Schérer (2005), aprender em Deleuze é inaugurar, inventar o ainda não existente, e não se contentar em repetir um saber.

Essa concepção desafia a lógica tradicional da educação, que muitas vezes se baseia em uma dicotomia entre verdadeiro e falso, certo e errado. Deleuze argumenta que essa distinção deve ser repensada, pois está relacionada a soluções já dadas ou a problemas parciais, e não à produção de sentido. O verdadeiro e o falso são designações lógicas que não captam a essência do pensamento, que se manifesta antes de tudo na geração de problemas e na busca por soluções que façam sentido dentro de um contexto vivo de pensamento (DELEUZE, 2018).

A abordagem de Deleuze para o aprendizado e o pensamento destaca a importância de uma pedagogia que privilegie a criação de conceitos e a invenção de ideias, em vez de simplesmente reproduzir conhecimentos pré-estabelecidos. Essa perspectiva tem implicações significativas para o ensino e a educação contemporâneos, e merece ser explorada mais profundamente no contexto brasileiro.

A concepção denominada *pedagogia do conceito* se destaca significativamente dentro do escopo do conhecimento proposto por Gilles Deleuze, no contexto educacional. Entretanto, conforme pontuado por Bianco (2002), emerge uma questionável congruência entre tal noção e os princípios deleuzianos. Questiona-se a adequação de uma *pedagogia do conceito* ao deleuzismo, visto que tal abordagem pedagógica, caracterizada pela imposição de conceitos e significações previamente estabelecidos, contrária a filosofia de Deleuze. Este último é conhecido por criticar veementemente qualquer forma de sistematização do pensamento que não valorize a diferença e a singularidade.

Dentro deste contexto, Deleuze distingue duas interpretações sobre o “conceito”: a primeira, associada ao mundo da representação e aos universais; e a segunda, de natureza contingente, vinculada aos deveres e ao processo criativo. Este último aspecto salienta a importância do encontro sensorial e da experimentação como fundamentos da criação conceitual. A crítica do autor ao primeiro conceito, associado à representação, destaca a falta de singularidade e a mediação excessiva pela representação (DELEUZE, 2018).

No entanto, ao discutir a *pedagogia do conceito* em sua obra “O que é a filosofia?”, Deleuze paradoxalmente parece endossar um sistema de pensamento ao enfatizar a criação de conceitos como uma característica intrínseca da filosofia. Bianco



(2002) esclarece que tal noção visa estimular a aprendizagem e a criação conceitual a partir de casos singulares, delineando uma teoria geral da criação.

Este enfoque na criação de conceitos, afastando-se da “imagem dogmática do pensamento”, instiga a filosofia a se abrir aos “não-filósofos”, reconhecendo em cada indivíduo a capacidade de criar conceitos. A *pedagogia do conceito*, portanto, não se estabelece como um método, mas como uma abordagem que incentiva a invenção de métodos próprios, valorizando a experiência e o pensamento crítico (LA SALVIA, 2017).

Gelamo (2006) enfatiza a importância de proporcionar aos alunos a oportunidade de experimentar e criar conceitos, transformando o ensino de filosofia em uma experiência viva de pensamento. Deleuze e Guattari (2010) colocam a “filosofia do acontecimento” como central em sua obra, destacando a capacidade dos acontecimentos de instigar problemas e servir como terreno fértil para a criação conceitual.

Assim, a *pedagogia do conceito* se fundamenta na relação entre conceitos e acontecimentos, concebendo o caos como um elemento vital para o pensamento filosófico. A experiência de pensamento, marcada pela criação de conceitos, planos de imanência e personagens conceituais, constitui um aspecto central da filosofia deleuziana, desafiando a imagem dogmática do pensamento e promovendo uma abordagem plural e criativa ao ensino de filosofia.

LINHAS DE FUGA PARA O ENSINO DE (DA) FILOSOFIA (NA DIFERENÇA): UMA BUSCA INACABADA

Inicialmente, esta seção foi denominada “Estratégias para o ensino de filosofia no contexto das diferenças: uma busca inacabada”. Contudo, certa inquietação emergiu a partir deste título. Questiona-se a possibilidade de definir estratégias específicas para o ensino de filosofia dentro de um contexto marcado pela diferença. Esta indagação sugere que tal empreitada poderia resultar na tentativa de encaixar a filosofia da diferença em um esquema teórico orientado metodologicamente, o que levanta dúvidas sobre a viabilidade ou mesmo a pertinência de tal abordagem. O questionamento acerca da factibilidade de estabelecer estratégias orientadas para o ensino das diferenças reflete a urgência de se explorar abordagens para o ensino de filosofia que se desvinculam do modelo tradicional.

Seguindo essa linha, a presente seção revisita alguns aspectos do debate “da identidade à diferença”, com o objetivo de refletir sobre a prática do ensino de filosofia como uma vivência do pensamento. De maneira similar, propõe-se a investigação de abordagens para o ensino de filosofia que constituam uma ruptura com o padrão identitário historicamente seguido pela tradição, uma postura já delineada nas seções iniciais e reiterada neste capítulo nas seções antecedentes.

A relação entre pensamento e verdade, conforme articulada por Deleuze (2018), tem definido o percurso da filosofia, bem como a sua didática. Tal relação estabeleceu premissas que moldaram a compreensão da filosofia como um campo voltado à produção de conhecimento que elucida a verdade inerente ao pensamento, ao mesmo tempo que consolida a noção de que pensamento e verdade estão intrinsecamente conectados de maneira natural.

Com a naturalização do pensamento, sob a égide do ideal filosófico do senso comum, o pensamento passa a ser percebido como um vetor de conservação da doxa, ficando, assim, restrito a ela. Desta forma, institui-se um padrão identitário para o pensamento. Esse padrão, sustentado pelo modelo de reconhecimento, fundamenta-se no reconhecimento como reafirmação da conexão pensamento-verdade como uma “verdade alcançada pelo pensamento”.

Pensar à luz de Deleuze implica em promover uma ruptura com o modelo de reconhecimento e forjar uma nova maneira de pensar que não esteja subjugada à representação. Como alternativa ao dilema do pensamento representacional, Deleuze (2018) propõe a diferença como solução. A diferença somente se torna acessível por meio de encontros que impulsionam o pensamento para além do caos. Na tentativa de transcender o caos (ou os múltiplos caos), delineiam-se linhas de fuga e planos de imanência, nos quais os problemas são examinados dentro de seus respectivos contextos espaço-temporais.

As estratégias para transcender o caos constituem experiências que fomentam processos de territorialização e reterritorialização, os quais são fundamentais para a implementação de uma *pedagogia do conceito*. Esta abordagem pedagógica encontra respaldo na geofilosofia de Deleuze e Guattari, conforme exposto em sua obra “*O que é a filosofia?*”. Essas dinâmicas de territorialização e reterritorialização são imprescindíveis para a configuração de um ambiente educacional que propicie o desenvolvimento de um pensamento filosófico autêntico e inovador, em consonância com os princípios delineados pelos mencionados autores.

As estratégias para a promoção de um ensino de filosofia que se baseie na diferença ou que seja concebido como uma experiência do pensamento inserem-se em um contexto transcendental, conforme articulado pelo filósofo. Essa abordagem concerne às condições fundamentais que possibilitam a compreensão do significado de “aprender”, partindo dessa perspectiva teórica. Essa concepção de aprendizagem, arraigada nas condições de possibilidade de um entendimento profundo sobre o ato de aprender, é explorada de maneira incisiva por Schérer (2005, p. 1184), indicando um caminho fecundo para a reflexão e prática pedagógicas no campo da filosofia.

No intuito de estabelecer linhas de fuga, a proposta de um ensino de filosofia centrado na (ou emergente da) diferença apresenta-se como uma alternativa viável para a desconstrução de métodos pedagógicos caracterizados por sua hegemonia, regularidade e previsibilidade, os quais são impostos pela imagem dogmática do pensamento. Esta abordagem sugere uma reconfiguração do ensino filosófico, visando a promoção de práticas educativas que valorizem a pluralidade, o questionamento e a inovação, em detrimento de estruturas tradicionais e dogmáticas.

Imaginamos ser possível um ensino de filosofia para jovens que seja uma arma de produção de sub-versões. Um ensino que se desenvolva de maneira tal que leve ao desenvolvimento de uma disciplina filosófica no pensamento. Além da forma de pensar da ciência, para a qual treinamos tão bem os jovens, além da lógica do mercado, de suas seduções, do marketing; para além das tradições e do senso comum, apresentar aos jovens e dar oportunidades de ensaiarem uma outra forma de pensar: a filosófica. (ASPIS E GALLO, 2010, p. 103, grifo do autor)

A inquietação relacionada à aplicação das contribuições e potencialidades da filosofia de Deleuze como alicerce para um método destinado ao ensino de filosofia mostra-se válida. Contudo, o que se destaca ao longo da pesquisa é a urgência de se debater abordagens - referidas também como linhas de fuga - de Ser (em consonância com a ontologia da diferença proposta por Deleuze) voltadas para uma constante construção e reconstrução do ensino de filosofia, diante do caos experimentado.

Esse ensino, gerador de ensaios de prática de disciplinas filosóficas no pensamento, pode provocar ensaios de criação em si e, portanto, de diferenças. Talvez possamos praticar um ensino que, no mínimo, e talvez isso já seja o suficiente, se o conseguirmos, faça-os saber que é possível criar, ainda. (ASPIS E GALLO, 2010, p. 103)

Para um ensino de filosofia que se proponha como uma vivência significativa do pensar, é imprescindível estimular nos jovens a busca por estratégias que os



auxiliem a navegar pelo caos dos desafios que os interpelam. Tais estratégias emergem como ferramentas criativas e perspectivas de resistência. Desse modo, o ensino de filosofia, ao ser concebido como uma experiência de pensamento, configura-se como um evento educacional notável, na medida em que instiga encontros marcados por uma diversidade de afetos e fomenta a construção de múltiplos significados entre os participantes do processo educativo.

Neste contexto, a interação com a filosofia, sob a modalidade de ensino de filosofia enquanto experiência de pensamento, proporciona uma nova dimensão à experiência daquele que a vivencia. Estudantes, ao se engajarem em aulas de filosofia com essa orientação, desenvolvem seu próprio estilo, seja na maneira de pensar ou de escrever, e engendram filosofias, diversificando os pensamentos filosóficos.

Como observado, o estilo, no âmbito filosófico, representa o dinamismo do conceito. Ao cultivarem seus estilos, os alunos experimentam a reflexão e, mediante a dialética entre conceito e estilo, alcançam a autonomia de seu pensar, o que ratifica a pluralidade das filosofias. Isso leva à indagação sobre a existência de filosofias específicas a determinadas culturas, tais como a chinesa, hindu, judaica, islâmica, que, segundo Deleuze e Guattari (2010, p. 112), são possíveis na medida em que o pensamento se desdobra sobre um plano de imanência habitado tanto por figuras quanto por conceitos. Este plano, embora não seja estritamente filosófico, mas pré-filosófico, transforma-se sob o efeito do conceito, inaugurando uma relação filosófica com a não-filosofia.

Dessa interação com a filosofia emerge o que denominamos surpresa pedagógica, caracterizada pelos movimentos infindáveis de aprendizado onde os estudantes criam conceitos e praticam a filosofia, numa trajetória que transcende as expectativas docentes. As aulas de filosofia, então, devem favorecer a invenção de conceitos, com o professor - e, porventura, os filósofos abordados durante o ano letivo - atuando como um personagem conceitual que, em uníssono com o aluno, dedica-se ao pensamento na busca por soluções aos problemas concretos vivenciados.

A concepção de problema como impulsionador do pensamento permite uma diversidade de olhares sobre o mundo, pois, conforme Deleuze e Guattari (2010, p. 107), “pensar consiste em desdobrar um plano de imanência que engloba a terra.” Assim, os problemas transcendem o caráter proposicional, revelando-se como experiências, e, por meio dessa revelação, expõe tanto os fluxos internos individuais quanto as experiências que nos permeiam.

Assim, enfatizamos a importância de estabelecer linhas de fuga em meio ao caos, sejam eles de natureza individual ou coletiva, como um meio de manifestar a singularidade do pensamento, aspirando, como resultado, a uma espécie de “guarda-sol” que nos resguarde do caos, conforme expresso por Deleuze e Guattari (2010, p. 238).

Ao finalizar a obra “*O que é a filosofia?*”, no capítulo “*Do caos ao cérebro*”, os filósofos transitam da discussão sobre o conceito e sua capacidade criativa para abordar questões pertinentes ao pensamento, ilustrando o impacto potencial das linhas de fuga do pensamento. Da evasão do caos, emerge a proteção contra o próprio caos.

É perceptível, ao explorar as potencialidades do ensino de filosofia como experiência de pensamento, a inevitável reflexão sobre a prática docente. Nesse sentido, é oportuno mencionar duas concepções relativas à formação do professor de filosofia: a primeira, sustentada por Aspis (2004), advoga que o professor de filosofia deve, ele próprio, ser um filósofo, entendido não apenas como alguém com formação acadêmica em filosofia, mas como alguém comprometido com a superação contínua de si mesmo; a segunda, amparada nas teorias pós-estruturalistas, incluindo Deleuze e Guattari (2010), propõe a formação do professor como rizoma.

Assumindo o papel de filósofo, o professor enquanto criador de conceitos possibilita a concepção da docência em filosofia no contexto das diferenças como uma prática de geofilosofia compartilhada com os estudantes. Ao traçar planos de imanência que funcionam como espaços-tempos para a experiência do pensar, o professor, figurando como um estrangeiro em sua própria jornada, proporciona novos caminhos (sejam didáticos, metodológicos ou curriculares) que incorporam elementos da multiplicidade e da diferença, incentivando o pensamento a partir de uma variedade de tonalidades afetivas.

O professor estrangeiro é um provocador de sentidos, cria e recria conceitos e pensamentos nas mais variadas direções, sempre na tentativa de romper com o enquadramento e a linearidade do sistema educacional.

Na sala de aula a preocupação maior é com a multiplicidade de possibilidades, questionamentos e inquietudes dos alunos, criando possibilidades para que eles possam desvendar o que ainda não foi descoberto e de tornar um espaço da vida em meio a novas experiências, atitudes e invenções. O professor quer falar da alma, das tramas, da arte e da vida gerando novos espaços que são também híbridos. (MEDEIROS E SECCO, 2017, p. 16)



Desse modo, é imperativo ouvir os estudantes, prestando atenção aos seus desejos e reivindicações, bem como ao cotidiano de suas vidas e a tudo que ocorre em seu entorno. Tais aspectos constituem fundamentos essenciais para os encontros que se estabelecem ao longo do processo educativo, configurando um terreno propício para novas formas de aprendizagem, por meio de uma educação voltada aos sentidos.

A viabilidade de um ensino de filosofia concebido como experiência do pensamento emerge da construção individual de cada docente, não a partir da universalização de conteúdos ou de métodos. Essa abordagem se fundamenta na relação do educador com seus alunos, inserida no contexto específico de cada turma. Analogamente à metáfora do nadador, a aprendizagem se dá não por reprodução, mas como uma “experiência junto à”.

Ademais, mesmo diante das orientações de alguns órgãos governamentais estaduais para a uniformização dos conteúdos filosóficos, é crucial valorizar a singularidade das propostas pedagógicas que levem em consideração a realidade concreta dos estudantes. Assim, preservar as diversas formas de relação com o saber torna-se essencial.

Neste sentido, não se busca ser prescritivo. Como professores, recorreremos às palavras do filósofo que nos acompanha nesta trajetória de territorialização e reterritorialização:

Para mim, uma aula não visa ser plenamente compreendida. Trata-se, antes, de uma espécie de matéria em movimento, dotada de musicalidade. Em uma aula, cada grupo ou estudante captura aquilo que lhe é conveniente. Uma aula ineficaz é aquela que não se adequa a ninguém. Não se pode afirmar que tudo convém a todos. (DELEUZE, 1988-1989, p. 59)

Retomando algumas linhas, exploramos a ideia de uma concepção musical da aula:

O que implica uma concepção musical da aula? Em minha experiência, sem afirmar ser a melhor abordagem, é o meu modo de ver as coisas. Conhecendo meu público, percebo: ‘Sempre há quem não compreenda no momento. E há o que denominamos efeito retardado’. Similarmente à música, pode-se não entender um movimento imediatamente, mas, minutos depois, tudo se esclarece devido a um acontecimento intermediário. Uma aula pode possuir efeito retardado, podendo-se não compreender nada no momento, mas, minutos depois, tudo se esclarece. Há um efeito retroativo. (DELEUZE, 1988-1989, p. 58-59, ênfase nossa)



Perceber uma aula como uma composição musical permite reavaliar a noção de aprendizagem, propondo uma visão inovadora para a experiência educativa. Além disso, a ênfase na experiência, tão recorrente em nosso debate, ressoa nas palavras do filósofo e, em conjunto com as discussões ao longo do texto, destaca a importância do investimento na formação e na formação continuada do professor de filosofia, valorizando suas experiências na elaboração do projeto pedagógico.

Caso nos seja solicitada uma definição para a proposta das aulas de filosofia na perspectiva da diferença (ou mesmo de outros componentes curriculares, visto que muito do discutido não se restringe exclusivamente à filosofia), retomamos as palavras de Deleuze (1988-1989): “Uma aula é emoção tanto quanto é inteligência. Sem emoção, nada se sustenta, não há interesse. Não se trata de entender e capturar tudo, mas de estar desperto para absorver aquilo que lhe é pessoalmente relevante.” (p.59)

Segundo Deleuze (1988-1989), “Desejo introduzir noções e conceitos que circulem, que se tornem, não exatamente ordinários, mas ideias correntes, manejáveis de diversas formas.” (p. 60). Concluimos, assim, que esta fase de nosso manuscrito é mais uma provocação do que uma resposta definitiva. Reconhecemos que as linhas de fuga para um ensino de (ou da) filosofia (na perspectiva da diferença) representam uma busca incessante e desembocam nas multiplicidades inerentes ao processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que este estudo se propôs a explorar uma abordagem revolucionária no ensino de filosofia, inspirada nas reflexões de Gilles Deleuze. Ao desafiar visões convencionais que limitam a disciplina a um contexto puramente acadêmico e desvinculado das realidades dos alunos, argumentou-se em favor de uma pedagogia baseada na inovação, na singularidade e na experimentação. Esta proposta contrasta de forma significativa com a tradicional transmissão dogmática de saberes e as metodologias teóricas estáticas que predominam no ambiente educativo atual. Identificou-se a problemática da marginalização da filosofia na educação básica, reflexo de uma valorização exacerbada do conhecimento técnico em detrimento do desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo. Esta marginalização é agravada por práticas pedagógicas que restringem a filosofia a um corpo fixo de conhecimentos, ignorando seu potencial como espaço de indagação e interlocução ativa. Em resposta,



defendeu-se uma abordagem educacional que supera o utilitarismo e o pragmatismo hegemônicos, promovendo um ensino filosófico que é ao mesmo tempo relevante, inclusivo e propulsor de uma reflexão crítica e criatividade nos estudantes.

Com base nos conceitos apresentados em *Diferença e Repetição*, de Deleuze (2018), este trabalho sublinhou a importância de valorizar o singular, o sensível e a capacidade de gerar novos conceitos, desafiando a imagem dogmática do pensamento através de uma pedagogia que se afasta dos modelos educacionais lineares e universais, favorecendo, ao contrário, um aprendizado pautado na inovação e experimentação. O desafio dessa abordagem implica uma reformulação profunda dos modos de ensinar e aprender filosofia, exigindo a apreciação da diversidade de vivências e perspectivas que os estudantes aportam ao cenário educativo. Esta nova pedagogia prepara os discentes não só para entenderem o mundo como ele se apresenta, mas também para vislumbrar como ele poderia ser, dotando-os de ferramentas para um pensamento independente e criativo.

Em essência, este estudo destacou a importância crucial da filosofia na moldagem de indivíduos capazes de contribuir de maneira significativa para a sociedade, não apenas como profissionais qualificados, mas como cidadãos reflexivos, críticos e atuantes. Assim, a *pedagogia do conceito* proposta não se restringe a uma inovação no âmbito pedagógico; ela representa um convite para repensar e rejuvenescer o papel da filosofia na educação contemporânea, convertendo-a em uma experiência enriquecedora e vivificante para estudantes de todas as faixas etárias.

REFERÊNCIAS

ASPIS, R.P.L. **O professor de filosofia: ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica.** In: Cad. Cedes, Campinas, vol 24, n. 64, set./dez. 2004.

ASPIS, Renata; GALLO, Silvio. **Ensinar filosofia: um livro para professores.** São Paulo: Atta Mídia e educação, 2009.

_____. **Ensino de filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga.** Pro-Posições, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 89-105, jan./abr. 2010.

BIANCO, Giuseppe. **Gilles Deleuze educador: sobre a pedagogia do conceito.** Educação & Realidade, jul/dez. 2002.

DELEUZE, Gilles. **Conversações.** 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. **O abecedário de Gilles Deleuze: uma realização de Pierre-André Boutang**, produzido pelas Éditions Montparnesse, Paris. 1988-1989. Disponível em: <http://www.bibliotecanomade.com/2008/03/arquivo-para-download-o-abecedrio-de.html> Acesso em: nov. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 84

GALLO, Silvio. **A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade**. ETHICA. vol. 13. Nº 1, p.17 – 35, 2006.

_____. **Deleuze e a educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Filosofia: experiência do pensamento**. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2016.

GELAMO, Rodrigo Peloso. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 178 p. ISBN 978-85-98605-95-1. Available from SciELO Books

HORN, Geraldo Balbuíno. **A presença da filosofia no currículo do ensino médio brasileiro: uma perspectiva histórica**. In: GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). **Filosofia no ensino médio**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOHAN, W. **Filosofia - O paradoxo de aprender e ensinar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LA SALVIA, André Luis. **Problemas de uma pedagogia do conceito – pensando um ensino de filosofia**. Rio de Janeiro: Aural, 2016.

MEDEIROS, Cláudia Escalante; SECCO, Daiane. **A formação do professor rizoma:**



SABERES

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Volume 25, Nº01, Jan. 2025, ISSN 1984-3879

desafios para ensinar na contemporaneidade. II Seminário Nacional e I Seminário Internacional Formação Pedagógica e Pensamento Nômade: currículo, criação e heterotopias. ISBN 978-85-8167-216-8, 2017.

SCHÉRER, René. **Aprender com Deleuze.** Educ. Soc. Campinas, vol. 26.2005.

Submetido em: 10/04/2024

Aceito em: 12/08/2024